

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

**A dimensão da brincadeira e da
imaginação no desenvolvimento e
aprendizagem das crianças**

Kachiri Carminati dos Santos

Florianópolis

2016

A dimensão da brincadeira e da imaginação no desenvolvimento e aprendizagem das crianças

Kachiri Carminati dos Santos

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina. Orientado pela Prof^a Dr^a Patrícia Lima e Coorientado pela Prof^a Adriana Alves da Silva.

Florianópolis

2016

Porque toda criança precisa brincar (muito)?

Brincando, elas...

aprendem a escolher: Uni-duni-tê.

aprendem a imaginar: esta poça d'água vai ser o mar.

aprendem a perseverar: caiu o castelo, vou fazer de novo.

aprendem a imitar: eu era o motorista - brrrrrrrum.

aprendem a criar: dou um nó aqui, outro aqui e tá pronto o circo.

aprendem a descobrir: misturei amarelo e azul, olha o que deu.

aprendem a confiar em si: olha o que eu consegui fazer.

aprendem novos conhecimentos: 28, 29, 30, lá vou eu!

aprendem a fantasiar: daí a gente voava.

aprendem novas habilidades: vou fazer o cabelo da minha fada cacheado.

aprendem a partilhar: tira, bota, deixa ficar.

aprendem a inventar: essa tampinha de garrafa vai ser o pratinho deles.

aprendem a pensar logicamente: joga a bola pra ele!

aprendem a pensar narrativamente: vou te contar.

aprendem a interagir: posso brincar com vocês?

aprendem a cooperar: dá a mão que eu te ajudo.

aprendem a questionar: será que é assim mesmo?

aprendem a memorizar: vamos ver quem pula corda até cem?

aprendem a conhecer suas forças: deixa que eu defendo.

aprendem a conhecer seus limites: tô com medo.

aprendem a encorajar: vem que eu te seguro.

*aprendem a fazer julgamentos: assim não vale.
aprendem a analisar: os grandes aqui, os pequenos ali.*

aprendem a devanear: hã?

aprendem a compaixão: dá a mão que eu te puxo.

aprendem a fazer analogias: aquela nuvem não parece um cavalo?

aprendem a organizar: ó que legal a minha fila de carrinhos.

aprendem a fazer cultura: vamos brincar de inventar piada?

aprendem a compartilhar: pega essa boneca que eu pego aquela.

aprendem a perdoar: tudo bem, já passou.

aprendem a desbravar: vamos ver o que tem lá?

aprendem a construir: era uma vez uma cidade assim.

aprendem a destruir: vamos desmanchar pra fazer outro.

aprendem a sentir: fiquei com o olho cheio d'água.

aprendem a rir: ra-ra-rá, lembra aquela hora?

aprendem a olhar: acho que aquela graminha ali é um gafanhoto.

*aprendem a ver: você tá triste?(**Gilka Girardello**)*

AGRADECIMENTOS

- Primeiramente à Deus pela oportunidade de estar nessa vida e por me permitir realizar esse sonho.
- Aos meus pais, Viviane Carminati e Rogérios dos Santos por sempre estarem ao meu lado, me apoiando e incentivando nesse processo tão árduo, complexo e indispensável para minha formação.
- Ao meu namorado, Guilherme Garais Rodrigues, pela paciência, companheirismo, auxílio e incentivo.
- As minhas colegas de curso que estiveram presentes durante todo o processo de formação, vivenciando muitos momentos de apoio e incentivo, principalmente nessa reta final.
- A todos os professores que tive a oportunidade de conhecer nesse processo de formação e que de alguma forma me ensinaram algo de importante que levarei comigo para sempre.

RESUMO

Este trabalho constitui-se em analisar e refletir como as brincadeiras e a imaginação atuam no desenvolvimento e aprendizagem das crianças na Educação Infantil e nos Anos iniciais. Tem como base de reflexão minha experiência de estágio – Educação Infantil e Anos Iniciais - e os estudos realizados no decorrer do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC nas disciplinas de Educação e Infância que tiveram maior ênfase no trabalho desenvolvido, pois foi possível fazer uma interlocução entre teoria e prática. O Estágio Curricular Obrigatório na Educação Infantil - foi realizado no Núcleo de Desenvolvimento Infantil Colônia Z11 , Barra Da Lagoa, Florianópolis – SC – com uma turma mista de crianças entre 02 e 04 anos e no Estágio Curricular Obrigatório dos Anos Iniciais – realizado na Escola Municipal Professor Anísio Teixeira, Costeira do Pirajubaé, Florianópolis – SC – com a Tuma do 5º ano. Tanto na Educação Infantil como nos Anos iniciais, busquei nos estágios realizar propostas que envolvesse o lúdico, para que as crianças não sentissem o ‘corte’ - que ressalto que não precisa haver - entre a fase de transição de Educação Infantil para os Anos Iniciais, mas não se esquecendo da importância de fazer essa docência compartilhada dos estágios, da acolhida, dos trabalhos conjuntos, da parceria com e para o outro.

Palavras-Chaves: Brincadeiras; Imaginação; Aprendizagem; Desenvolvimento; Educação Infantil; Anos Iniciais.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	13
2- O CAMPO DA EXPERIÊNCIA DOCENTE.....	17
2.1 – Núcleo de Desenvolvimento Infantil Colônia Z11.....	17
2.2 - Escola Básica Municipal Professor Anísio Teixeira.....	19
3- BRINCADEIRA COMO RECURSO METODOLÓGICO.....	22
4- A EXPERIÊNCIA DA DOCÊNCIA ENVOLVENDO BRINCADEIRA E IMAGINAÇÃO.....	32
4.1- Ambiente da docência como lugar favorável para aprendizagem.....	45
5- REFLEXÃO SOBRE A DIMENSÃO DA BRINCADEIRA NO AMBIENTE ESCOLAR.....	48
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53

7-	REFERÊNCIAS	
	BIBLIOGRÁFICAS.....	56

1- INTRODUÇÃO

Esse é um trabalho de conclusão do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC de autoria minha Kachiri Carminati dos Santos, estou finalizando mais uma etapa da minha educação – a graduação – e sou também estudante de Pós-Graduação em Psicopedagogia da UNIASSELVI; Trabalho com a Educação Infantil à 5 anos e atualmente estou como auxiliar de sala do GI na Creche Sociedade Alfa Gente Morro da Caixa que se localiza na Avenida Ivo Silveira – Capoeiras – Florianópolis-SC.

Escolher um objeto de estudo não é tarefa fácil. Desde o início do curso de Pedagogia já iniciamos um processo de reflexão sobre determinado tema do trabalho de conclusão, porém com o passar dos semestres foram se construindo outros modos de enxergar a realidade social que nos cerca. Sempre tive em mente que quando iniciasse os trabalhos para o TCC construiria um tema sobre brincadeira. Convivendo com a Educação e Infância – que é um eixo do curso de Pedagogia - desde o início do curso, percebi, como a partir de observações e também por estar inserida no cotidiano dessas crianças, as brincadeiras tornaram-se diferentes com o passar do tempo. Acredito que as brincadeiras e os brinquedos são muito importantes para o desenvolvimento da criança, pois através deles a apropriação dos conhecimentos seriam mais prazerosas. Tem como base de reflexão

minha experiência de estágio tanto Educação Infantil como Anos Iniciais, ambos os estágios foram realizados em duplas¹.

E me questiono porque mudou tanto? Porque as crianças têm resistência por brincadeiras tradicionais? Será falta de incentivo? Estes foram os principais destaques que me levaram a pesquisar sobre o tema, a fim de perceber e descobrir o motivo das resistências das crianças às brincadeiras tradicionais, que segundo Vasconcellos (2008):

[...] são transmitidos oralmente desde a antiguidade eram, como qualquer objeto cultural, um espelho da sua época. Portavam crenças, valores, discursos. Traziam em si a representação da forma tradicional de viver e compreender a existência. (p.49)

As brincadeiras tradicionais são culturais, atravessam gerações e despertam curiosidade e prazer, são brincadeiras que prezam as interações sociais, as relações. É preciso apresentar as brincadeiras para as crianças, pois, é herança deixada da geração passada para elas.

É preciso apresentar as brincadeiras para as crianças dentro e fora da escola, trazer novamente o sentido do BRINCAR – correr, pular, imaginar, cair, levantar, etc – e não apenas ficar sentado utilizando das tecnologias. Hoje as crianças estão trocando as brincadeiras de esconde-esconde, pega-pega para ficarem em frente as tecnologias.

Segundo VASCONCELLOS (2008) “os jogos tradicionais trazem em si o selo da cultura popular e sempre foram olhados com desconfiança pela escola.” (p.50) Porque ser olhado com desconfiança?

¹ Na Educação Infantil minha dupla foi Francine Gomes da Silva e nos Anos Iniciais minha dupla foi Ketlyn Ayara Coelho.

Se cada jogo pode ser uma possibilidade de trabalho pedagógico, pois, desenvolve a imaginação, cognitivo, motor e ainda faz com que as crianças tenham uma compreensão da cultura do local em que elas vivem.

Neste trabalho, mesmo se tratando da Educação Infantil e Anos iniciais, os jogos tradicionais podem e devem ser usados até o Ensino Médio e de preferência ainda mais.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990) é considerado *criança* a pessoa com idade inferior a doze (12) anos. Portanto, devem ser utilizados jogos e brincadeiras com uma intencionalidade pedagógica nos Anos Iniciais, porque mesmo estando na escola para aprender, obter conhecimento, as crianças necessitam de um momento lúdico.

[...] é bom lembrar que para trabalhar com jogos é necessário que o professor encontre, ele próprio, prazer na atividade lúdica. Brincar é talvez um dos mais característicos atributos humanos. Para muitos autores, a atividade lúdica está na origem da cultura humana. Mais que uma atividade, o lúdico é uma atividade diante da vida. É o reconhecimento do valor inerente do prazer do pertencer a esse enorme tabuleiro em que ganhamos, perdemos, jogamos e aprendemos, sempre. (VASCONCELLOS, 2008, p.54)

Esse foi um dos motivos que me levou a propor tanto na Educação infantil como nos Anos Iniciais atividades que envolvessem brincadeiras, pois, percebi que nos Anos Iniciais as crianças não têm tantos momentos lúdicos como na Educação Infantil e que elas necessitam desses momentos.

O brincar menos como atividade e mais como uma qualidade da relação com o mundo. O brincar não como estratégia de ensino ou recurso facilitador da aprendizagem, mas como possibilidade de abertura de um campo onde os aspectos da subjetividade se encontram com a realidade externa para possibilitar uma experiência criativa com o conhecimento. (ROSA, 2010, p.31)

As crianças precisam brincar e imaginar hoje e todos os dias, brincar é o jeito das crianças serem é o que as caracteriza.

2- O CAMPO DA EXPERIÊNCIA DOCENTE

2.1 – Núcleo de educação infantil colônia Z11

O Núcleo de Educação Infantil (NEI) Colônia Z11, na comunidade da Barra da Lagoa, leste da Ilha de Florianópolis, próximo ao mar, está localizado na Rua Desembargador Ivo Guilhon Pereira de Mello, nº 1.

A unidade tem uma infraestrutura grande, arejada e com bastante verde, que comporta em seus espaços 6 salas, do G2 ao G6; parque com banco de areia e casinha de boneca; espaço para horta; espaço ao ar livre para oficina com mesa da altura das crianças, secretaria, biblioteca, sala de professores, cozinha, um refeitório para as crianças, cujas mesas, pia e buffet são da altura das mesmas; sala de materiais de limpeza; espaço para oficinas, além de banheiros proporcionais ao tamanho das crianças e outro para uso dos adultos.

O espaço do NEI é plano, sem obstáculo, amplo e com apoiadores que facilitam também a passagem de pessoas com deficiência. É válido ressaltar que o NEI Z-11 fica bem próximo da praia e do projeto TAMAR, o quê contribui para saídas das crianças para além da instituição, a fim de auxiliar e ser uma ferramenta facilitadora do contato das crianças com a natureza, além de estar rodeado por prédios e casas residenciais.

O NEI Z -11, atende 235 crianças, cuja faixa etária varia de 4 meses a 6 anos de idade, a instituição conta com uma equipe de 39 profissionais, sendo 8 professoras com graduação e pós-graduação; 12 auxiliares de sala com magistério; 4 merendeiras; 5 auxiliares de serviços gerais; 4 auxiliares de ensino; 1 supervisora e 1 diretora; 1 professora; 1 professora readaptada, 1 auxiliar de serviços gerias e 2 cozinheiras readaptadas, além de uma nutricionista.

A instituição funciona todos os dias das 07h00min às 13h00min no horário matutino e das 13h00min às 19h00min no horário vespertino, sendo os grupos vespertinos (G2 à G6) são divididos e mistos, ou seja, recebem meninos e meninas na mesma sala.

A nova unidade foi construída no ano de 2004, em decorrência da necessidade de uma estrutura física apropriada para as crianças, substituindo a unidade antiga construída em 1992 em outro local da comunidade. Desde então, no mesmo ano teve uma ampliação para mais duas salas. Atende seis grupos no período matutino e outros seis no período vespertino.

Conhecer a comunidade e os espaços físicos e geográficos da unidade tem seu papel fundamental em nosso estágio no NEI, já que precisamos nos aproximar e conhecer o máximo possível desse contexto em que as crianças estão inseridas para uma melhor aproximação e 7 interação com as mesmas.

Assim, ainda em nossa primeira ida à unidade fomos passear pelo bairro e pudemos perceber o contexto que nos cercou nesse período de estágio e de onde viriam as crianças. Passamos pela praia, pela beira do canal da Barra e pela avenida principal. Na beira do canal pudemos perceber os barcos pesqueiros, os pescadores, as redes de pesca e os inúmeros pontos de vendas de frutos do mar. A comunidade é basicamente formada por pescadores.

O bairro é pequeno, em poucas ruas conseguimos conhecê-lo de uma forma bem panorâmica, porém a população é numerosa, nota-se isso devido à presença de muitas casas e apartamentos dentro do mesmo terreno, já que a estrutura física/geográfica do local é limitada.

2.2- Escola Municipal Professor Anísio Teixeira

Nosso estágio foi realizado na Escola Básica Municipal Professor Anísio Teixeira, fundada em 31 de Outubro de 1957. Localiza-se na Rua João Cândido Jacques, 1461 – Costeira do Pirajubaé – Florianópolis (SC). A escola atende Educação Infantil – G5 e G6 – e Ensino Fundamental – 1º ao 8º ano.

A escola está localizada em uma região aparentemente calma, porém, apresenta diversos problemas sociais: convívio com tráfico de drogas, desestrutura familiar, desemprego, subempregos, falta de estrutura urbana... Próximo a escola se encontra outras três instituições de ensino, sendo uma de Educação Infantil – que fica em frente à escola – e outras duas de Ensino Fundamental – uma particular e a outra pública – Estimoarte e Adotiva respectivamente.

Anísio acreditava que a escola pública seria a única forma de transformação social. Segundo ele:

Numa sociedade como a nossa, tradicionalmente marcada de profundo espírito de classe e de privilégio, somente a escola pública será verdadeiramente democrática e somente ela poderá ter um programa de formação comum, sem os preceitos, contra certas formas de trabalho essenciais à democracia. (TEIXEIRA, 1971, p.72)

A escola possui quatro pavimentos, onde estão distribuídas as seguintes dependências: sala da direção, secretaria, sala dos professores, biblioteca, cozinha, refeitório, depósito de alimentos, almoxarifado, pátio, quadra de esportes, banheiros, videoteca, sala informatizada, sala de artes, 15 salas de aula, sala de orientação escolar, sala de multimeios,

laboratório de ciências, auditório, ginásio de esportes, parque e área de lazer.

Atualmente, são atendidos cerca de 500 alunos da educação infantil ao ensino fundamental, distribuídos em:

- Três grupos de Educação Infantil: Grupo 5, Grupo 6 e Grupo Misto.
- Dez turmas de anos iniciais: 1º ao 5º ano.
- Onze turmas de anos finais: 6º ao 8º ano.

Os alunos são atendidos nos períodos matutinos e vespertinos. A média de alunos por sala é de 25 a 30 alunos.

O objetivo da escola é promover aos alunos uma escola de qualidade, buscando ser justa, inclusiva, fraterna, solidária, transformadora, comprometida, democrática e responsável.

No Ensino Fundamental, os conteúdos curriculares são planejados bimestralmente, por disciplina, tendo como subsídio a Matriz Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

Na Educação Infantil, os planejamentos estão embasados nas Diretrizes Educacionais Pedagógicas para Educação Infantil e nas Orientações Curriculares para Educação Infantil e período de observação das crianças.

O horário de funcionamento da unidade no período matutino é das 08h às 12h e no período vespertino das 13h às 17h. Para o fim de cada aula o sinal não bate, somente bate para o início e término do período e do recreio.

A escola participa do Programa Mais Educação que, neste ano, oferece aos alunos no contra turno às seguintes oficinas: atletismo, horta, dança, capoeira, robótica e leitura e escrita. Conta também com apoio pedagógico para os alunos do 1º ao 5º ano no contra turno.

3- BRINCADEIRA COMO RECURSO METODOLÓGICO

A vivência no estágio revelou, também, o modo como as crianças brincam e nesse sentido, questiono-me porque as brincadeiras tradicionais não estão sendo brincadas atualmente e perceber quais brincadeiras fazem parte do dia-a-dia das crianças.

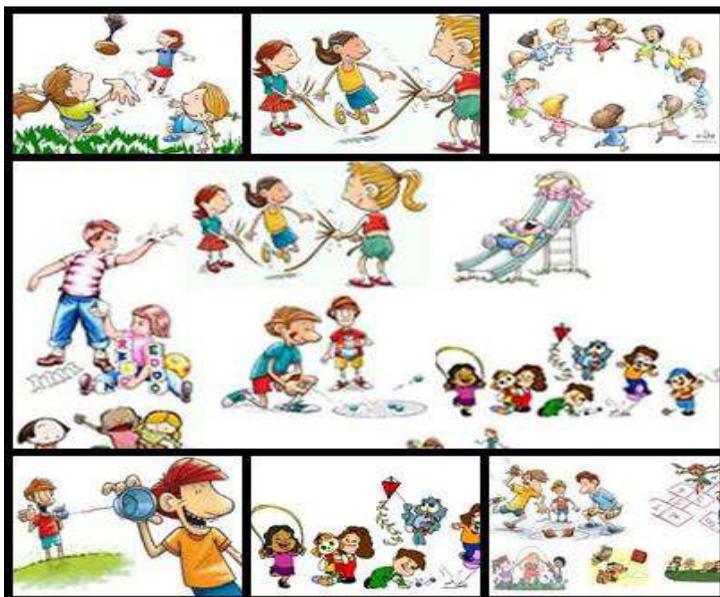


Figura 1: Brincadeiras Tradicionais.

Fonte: imagem retirada da internet².

² Endereço de onde a imagem foi retirada:
https://www.google.com.br/search?q=BRINCADEIRAS+TRADICIONAIS&rlz=1C1AVSX_enBR442BR442&espv=2&biw=1280&bih=699&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwj2oYKwvarMAhWJ9x4KHZklC8sQsAQIlg

A brincadeira é um recurso metodológico, pois, tem a intenção de facilitar o aprendizado da criança tornando-a um sujeito que internaliza o que está aprendendo de forma prazerosa, instigante e enriquecedora. Portanto, o profissional da educação deve compreender a importância dessa inserção e utilização de jogos e brincadeiras na prática pedagógica, permitindo o desenvolvimento da atenção, raciocínio e aprendizagem significativa. O profissional é parte essencial desse desenvolvimento significativo da criança construindo ambientes motivadores para estas, havendo a interação e a socialização que são fundamentais para a troca de experiências.

Durante a formação no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina -UFSC, em todas as disciplinas de Educação e Infância foi visto como a brincadeira é essencial para as crianças, pois, é a partir das brincadeiras que as crianças se expressam com maior facilidade. Abaixo as oito disciplinas de Educação e Infância e suas ementas.

- *Educação e Infância: Criança e Infância:* Crianças são seres de pouca idade e de direitos. Infância são os modos como esses seres podem ou não viver as suas vidas nesse período.

- *Educação e Infância II:* Diretrizes da Educação Infantil; História da infância; Materiais, práticas, representações e linguagens;

- *Educação e Infância III:* Infância e Educação no Brasil; Conceitos fundamentais para a Formação Docente

- *Educação e Infância IV: Fundamentos da educação infantil:* Identificar os fundamentos teóricos orientadores de uma Pedagogia da Educação Infantil e as especificidades educacionais – pedagógicas das

instituições para crianças de 0 a 6 anos; analisar a educação infantil no contexto sociopolítico brasileiro a partir da compreensão do caráter histórico e social da infância, das instituições de educação infantil e dos direitos fundamentais da criança; analisar modelos curriculares em educação infantil identificando suas bases teóricas e metodológicas; Conhecer a política nacional para a educação infantil, analisando seus condicionantes históricos, sociais e políticos.

- *Educação e Infância V: Conhecimento, jogo, interação e linguagens I e Educação e Infância VI: Conhecimento, jogo, interação e linguagens II:* Refletir sobre a importância da ludicidade, da imaginação, das interações e das múltiplas linguagens para a construção do conhecimento na infância. Buscar nessas reflexões e na dimensão cultural da vida das crianças as referências para a ação pedagógica. Ampliar o repertório das experiências dos estudantes com relação à produção artístico-cultural nas diferentes linguagens.

- *Educação e Infância VII: Estágio em educação infantil:* Aproximação intensa entre teoria e prática; Relação entre UFSC e Rede Municipal;

- *Educação e Infância VIII: Exercício da docência nos anos iniciais:* Proporcionar a reflexão sobre os elementos teórico-metodológicos das relações entre criança, infância, educação, cultura, escola e universidade; Exercitar a prática docente dos anos iniciais do ensino fundamental; analisar a prática docente realizada; Refletir sobre a experiência e divulgar a análise realizada..

Nas disciplinas de Educação e Infância V e VI foi trabalhado muito com ludicidade, imaginação e interações e jogos. E pude aprender

que jogo e brincadeira são sinônimos, pois, o jogo é elemento da cultura e a brincadeira é o que ganhamos com o jogo – tem caráter fictício ou representativo. Tanto o jogo, a brincadeira e o brinquedo estão englobados em um universo chamado “Ato de Brincar” que permite para a criança – e o adulto - comunicar-se consigo próprio e com o mundo. A brincadeira educativa ou jogo educativo possuem dois sentidos:

- O amplo que visa o desenvolvimento da criança;
- O restrito que tem a ajuda do adulto.

Segundo Kishimoto (2002) “qualquer jogo empregado pela escola, desde que respeite a natureza do lúdico, apresenta o caráter educativo e pode receber a denominação geral de jogo educativo.” A brincadeira educativa não está presente somente na Instituição Coletiva de Educação, pois, no cotidiano as crianças em suas brincadeiras sempre aprendem algo. Toda brincadeira passa um conhecimento para a criança.

Para que o brincar se transforme na atividade principal da criança, com impacto positivo na sua educação e na ampliação de suas experiências, é preciso organizar espaços e selecionar materiais e objetos que promovem sua imaginação. Diante de um estetoscópio, ela é levada a entrar na temática de “ser médico”; ao ver a mamadeira, torna-se “a mãe que dá mamadeira ao filho”; um carrinho a leva a “passear com seu bebê”. A ausência de mobiliário, brinquedos e acessórios dificulta o brincar imaginário. (BRASIL,2012, p.23)

O momento da brincadeira é uma oportunidade de desenvolvimento para a criança, pois, possibilita que possa imaginar e

imitar a realidade vivida. Segundo GIRADELLO (2005) “A infância é a grande fonte da nossa vitalidade imaginária” (p.03). É através do brincar que ela aprende, adquire novas experiências, aprende que há diversas possibilidades, interage, elabora sua autonomia de ação, organiza suas emoções.

Segundo o Referencial Curricular para a Educação Infantil (1998):

Para brincar é preciso que as crianças tenham certa independência para escolher seus companheiros e os papéis que irão assumir no interior de um determinado tema e enredo, cujos desenvolvimentos dependem da vontade de quem brinca. (p.28)

Assim sendo, a criança desenvolve sua autonomia e identidade, pois, o brincar é uma das atividades fundamentais para esse desenvolvimento. Através da brincadeira, a criança compreende o mundo em sua volta, aprende regras, testa habilidades físicas, a aprendizagem da linguagem e a habilidade motora. A brincadeira em grupo favorece alguns princípios como o compartilhar, a cooperação, a liderança, a competição, a obediência e as regras.

O momento de jogo e brincadeira devem se constituir em atividades permanentes nas quais as crianças poderão estar em contato também com temas relacionados ao mundo social e natural. O professor poderá ensinar às crianças jogos e brincadeiras de outras épocas, propondo pesquisas junto aos familiares e outras pessoas da comunidade e/ou em livros e revistas. Para a criança é interessante conhecer às regras das

brincadeiras de outros tempos, observar o que mudou em relação às regras atuais, saber do que eram feitos os brinquedos etc.(BRASIL, 1998, p. 200.)

O jogo é uma forma da criança se expressar, já que em muitos momentos a criança não é ouvida. Saber valorizar a comunicação das crianças, aprender à ouvi-las quando estão querendo nos dizer algo e não somente quando estão respondendo as nossas perguntas. Mas também, quando estão explorando suas ideias por meio das linguagens - sejam elas expressadas por gestos, olhares, choros, diálogos, etc - e saber o que a criança já trás consigo, o seu conhecimento prévio.

O brincar é um ato espontâneo da criança e porque não usar isso para desenvolver sua linguagem? Um exemplo seria brincar com rimas e poemas, pois, assim a criança está brincando, imaginando e desenvolvendo a sua linguagem. A brincadeira é um instrumento facilitador de aprendizagem pelo fato de apresentar a criança uma proposta criativa e recreativa do conhecimento. Talvez, o maior obstáculo dos profissionais atualmente seja interligar brincadeira e conhecimento, a fim de proporcionar um aprendizado enriquecedor ao educando. Portanto, o profissional deve planejar vivências que visam o desenvolvimento da imaginação, propondo atividades que envolvam brincadeiras nos diferentes espaços da instituição. Portanto,

Planejar é essa atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro para compreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas para/com o grupo de crianças. Planejamento pedagógico é atitude crítica do educador diante de seu trabalho docente. (OSTETTO, 2000, p.177).

Algumas pessoas pensam que o brincar é só um entretenimento, que não tem um fim pedagógico, sem se dar conta que a brincadeira é essencial para o desenvolvimento das crianças. É brincando que a criança tem a possibilidade de enriquecer o pensar e construir o seu conhecimento e desenvolvimento intelectual. Os jogos, brinquedos e brincadeiras são a forma pela qual a criança gosta de aprender e um educador que faz diferente leva os seus alunos a pensar e construir diferente.

Segundo o Referencial Curricular Nacional (1998):

Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais. (p.22)

Segundo Vygotsky (1989) o brincar está situado na zona de desenvolvimento proximal, impulsionando a criança para além do estágio de desenvolvimento que ela já atingiu. Ao brincar, a criança apresenta-se além do esperado para a sua idade e mais além do seu comportamento habitual. Para Vygotsky, o brincar também libera a criança das limitações do mundo real, permitindo que ela crie situações imaginárias. Ao mesmo tempo é uma ação simbólica essencialmente social, que depende das expectativas e convenções presentes na cultura. Quando duas crianças brincam de ser um bebê e uma mãe, por exemplo, elas fazem uso da imaginação, mas, ao mesmo tempo, não podem se comportar de qualquer forma; devem, sim, obedecer às regras do comportamento esperado para um bebê e uma mãe, dentro de sua

cultura, ou seja, elas estão imitando a realidade vivida por elas. Caso não o façam, correm o risco de não serem compreendidas pelo companheiro de brincadeira.

A aprendizagem lúdica está ligada ao processo de conhecimento ativo da criança, sendo a participação da mesma nas atividades propostas, interagindo de forma significativa e produtiva. A partir dos materiais disponibilizados e diferenciados a criança desenvolve esse conhecimento ativo. A criança ao aprender ludicamente tem a possibilidade de ser um sujeito participativo no seu processo de aprendizagem.

Segundo Wiggers (2004):

Pestalozzi e Froebel, no século XVIII, já propunham o uso dos jogos como metodologia para a apropriação, pela criança, de determinados conteúdos considerados fundamentais. Assim, os jogos eram concebidos como instrumentos que ensinam e educam a criança desde a mais tenra idade, e neles a educação encontrava respostas para a pergunta: como fazer para que as crianças adquiram conhecimentos por meio de um método ativo? (p.55)

Portanto, as brincadeiras são recursos incentivadores no processo de aprendizagem do conhecimento. A brincadeira é a essência da criança por fazer despertar nelas o interesse e prazer nas atividades. Para isso, é necessário que o profissional proponha uma vivência em que elas ampliem ainda mais a sua imaginação, pois segundo GIRARDELLO (2005) “É possível educar a imaginação infantil, cultivá-la como se faz com a inteligência ou a sensibilidade. Há mesmo quem diga que a tarefa mais importante da educação é a educação da imaginação.” (p.04).

O jogo e a brincadeira podem ser utilizados como grandes facilitadores no processo de aprendizagem das crianças, tendo intenções significativas no momento educativo. O planejamento da atividade é fundamental para a criança conseguir atingir a proposta naquele momento lúdico, pois, brincando a criança também aprende, pois, por meio das vivências e da sua imaginação e criatividade a criança cria um vínculo entre o imaginário e o real “[...] podemos concluir que o jogo, de uma forma geral – e o jogo tradicional de modo particular – integra os processos de construção de conhecimento” (VASCONCELLOS, 2008, p.52).

Sendo assim é de responsabilidade do educador enriquecer a imaginação da criança com aspectos que tenham significado para a ela, com isso tornando a vivência proposta mais prazerosa. “O imaginário infantil é um elemento nuclear das culturas da infância. As crianças desenvolvem a imaginação através das suas experiências de vida e as situações que imaginam dão-lhes o poder de compreender o mundo que habitam”, (MARIA, p, 02).

A brincadeira é uma ferramenta essencial na construção da autonomia usando de capacidades como observação, imitação e imaginação, por isso, as brincadeiras tradicionais como: amarelinha, brincadeiras de roda, pular corda, com dados e cartas deveriam ser integradas como uma forma de aprendizagem para as crianças.

Brincar de roda, ciranda, pular corda, amarelinha etc. são maneiras de estabelecer contato consigo próprio e com o outro, de se sentir único, e ao mesmo tempo, parte de um grupo, e de trabalhar com as estruturas e formas musicais que se apresentam em cada canção e em cada brinquedo. (BRASIL, 1998, p. 71)

As crianças, nas etapas de educação – Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio – hoje em dia não conhecem as brincadeiras “ditas” tradicionais que podem ser realizadas no ambiente educativo, com a finalidade de desenvolver o conhecimento e as aprendizagens das crianças. As atividades lúdicas deveriam ser materiais pedagógicos. Neste sentido, há algumas questões para se pensar. Que contribuições às brincadeiras trazem para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças? Por que há poucos planejamentos de uma atividade lúdica nas etapas de educação?

As brincadeiras são recursos metodológicos importantes para o desenvolvimento das crianças. É a partir delas que as crianças desenvolvem a autonomia, socialização, imaginação, amadurecimento e a criatividade. Por isso, a importância do brincar para a criança. Segundo Wiggers (2004) “a ideia de que o jogo é uma atividade educativa e que, portanto, necessita ser incorporado no cotidiano das práticas de educação coletiva das novas gerações, é exultante.” (p.55)

Promover brincadeiras e interações é muito mais que aproximar as crianças fisicamente: estar em grupo possibilita abrir-se para conhecer o outro e permitir que este outro nos conheça. É olhar o outro como parceiro para todas as aventuras, e respeitar o espaço do outro, seus desejos e anseios.

4- A EXPERIÊNCIA DA DOCÊNCIA ENVOLVENDO BRINCADEIRA E IMAGINAÇÃO

A prática docente em qualquer nível da educação requer o uso das ferramentas da ação pedagógica, que são:

- Observação;
- Registro;
- Planejamento;
- Análise/Reflexão dos Registros;
- Documentação;
- Avaliação;

Porque utilizar essas ferramentas de ação em todos os níveis da educação? Porque essas ferramentas são indissociáveis, uma complementa a outra para a realização da prática pedagógica, à prática docente. Em todas as instituições em que a docência foi realizada, essas ferramentas da ação estavam sempre presentes.

Os planejamentos eram baseados na observação das crianças individualmente e no coletivo, ou seja, a criança é o ponto de partida para o trabalho pedagógico.

Então, para um planejamento que contribua experiências ricas para as crianças, nós como profissionais da educação, precisamos compreender as crianças através da observação e construir planejamentos para as propostas que serão realizadas, pois, as crianças são o ponto de partida para o trabalho pedagógico. Em relação a isto, Ostetto (2000) explica que:

[...] planejar na educação infantil é planejar um contexto educativo, envolvendo atividades e situações desafiadoras e significantes que favoreçam a exploração, a descoberta e a apropriação de conhecimento sobre o mundo físico e social. Ou seja, nesta direção o planejamento estaria prevendo situações significativas que viabilizem experiências das

crianças com o mundo físico e social, em torno das quais se estruturam interações qualitativas entre adultos e crianças, entre crianças e crianças, e entre crianças e objetos/mundo físico. (p.07)

As crianças enquanto brincam estão aprendendo, desenvolvendo-se, imaginando, estão brincando com o conhecimento. Pois, através das brincadeiras elas transmitem o que pensam e o que já conhecem e junto com outras crianças transmitem o seu conhecimento prévio e através dessa aprendizagem da sociabilidade é que as crianças interagem entre si e com os outros, aprendendo e trocando conhecimento com o próximo. Segundo Sarmiento (2002) “as crianças, nas suas interações com os pares e com os adultos, estabelecem processos comunicativos configuradores dos seus mundos de vida.” (p. 15).

A brincadeira não deve ser vista só como um passatempo, a brincadeira deve ser vista como um método de aprendizagem, ter sim uma intencionalidade para ser realizada no ambiente educativo, de maneira que elas deixem marcas profundas de afeto, amizade e aprendizagem em todas as crianças. Nas experiências docentes realizadas no Núcleo de Desenvolvimento Infantil Colônia Z11, localizado na Barra da Lagoa com uma turma mista de crianças entre 02 e 04 anos e na Escola Municipal Professor Anísio Teixeira, localizada na Costeira do Pirajubaé com uma turma do 5º ano, as vivências propostas eram aquelas que pudessem desenvolver a imaginação da criança, nas brincadeiras, nas contações de história, nas rodas de conversas.

O ambiente educacional é um espaço de trocas e aprendizado entre criança-criança, criança-adulto e entre todos os sujeitos que fazem parte deste espaço e tempo.

Percebe-se que a imaginação é um elemento fundamental na educação, que ela deve ser sempre enriquecida e estimula na criança através da ludicidade, das brincadeiras e das contações de histórias. Instrumentos esses que utilizamos na docência dos estágios para proporcionar às elas momentos prazerosos, de trocas e de aprendizado. É principalmente na infância que desenvolvemos nossa imaginação.

Assim sendo, ao referir à imaginação, a contação de história no decorrer da docência é muito importante nas Instituições Coletivas de Educação para desenvolver a imaginação das crianças, especialmente por ampliar a oralidade e o acesso aos livros de literatura infantil. Na experiência do estágio a contação revelou-se:

Nas histórias desenhadas e contadas pelas crianças apareceram: Meninos e meninas, jacaré, dinossauro, tartarugas, príncipes e princesas, carro, boi, cavalo, bernunça, dragão de quatro dentes e até o Ben 10. Essas vivências serviram para desenvolver ainda mais a imaginação das crianças, pois se não for desenvolvida a criança terá uma imaginação limitada. (Registro de estágio: 05/05/14)



Figura 2: Contação de História ambiente externo.

Fonte: Acervo da Autora.

Nas proposições de contação de história, experienciadas no estágio, foi possível unir narrativa e imaginação. E foi possível aproveitar todos os espaços da instituição para essa vivência,

Propomos um cantinho de leitura no parque. Colocamos um tapete, com a ideia e ajuda da professora Kátia colocamos um tecido verde, como se fosse uma tenda, e duas caixas dessas de madeira que tem nas feiras para colocar as frutas, para que colocássemos os livros. Ficou um cantinho muito aconchegante, não imaginávamos que ficaria desse jeito. (Registro de estágio: 04/06/2014)



Figura 3: Contação de História no parque.
Fonte: Acervo da Autora.

Histórias foram contadas e conversas aconteceram com muitas crianças de diferentes grupos da instituição. Foi um momento muito

prazeroso e de muitas interações com as crianças. Elas ficaram ali sentadas, folheando, lendo os livros, pedindo para que lêssemos os livros para elas.

Percebendo o espaço do parque como um lugar instituído nas instituições para a brincadeira “livre”, mas também, uma oportunidade para a criança se movimentar amplamente, fazer escolhas, determinar seus próprios tempos, no qual a professora interfere pouco, deixando apenas seus olhos sobre elas, vejo o quanto é importante refletir sobre a dicotomia instaurada entre espaços construídos (internos) e não construídos (externos), intramuros no cotidiano das Instituições de Educação Infantil. (FRANCISCO, 2005, p. 20)

Sempre na busca por trazer vivências em que pudéssemos explorar a imaginação das crianças e também de proporcionar a elas momentos agradáveis, de aprendizados de contato, de estímulo às relações entre o grupo de uma forma geral, trouxemos para nossa docência o contato com os fantoches.

Levamos os fantoches dentro de uma sacola, a estagiária Francine fez um suspense a fim de deixá-los curiosos com o conteúdo que havia dentro da sacola. Assim que tirou o primeiro fantoche percebeu que um dos nossos objetivos havia se efetivado, pois era nítido no olhar de cada um a surpresa e o encanto com aquele boneco. Foi tirando um por um: médico, cachorro, saci, curupira, rato, índio, foram muitos, até que chegou ao jacaré e no lobo, e aí foi um alvoroço só! Era quem mais podia chegar perto dos bonecos e a disputa para tê-los nas mãos foi grande. Separou alguns livros que estavam na sala para que eles fizessem a utilização do livro junto

com os fantoches. Felipe³ queria muito brincar com o fantoche do lobo e assim que o conseguiu não o largou mais. (Registro de estágio: 21/05/2014).

Na proposição massinha, as crianças utilizaram muito os seus conhecimentos prévios, sua cultura e seus gostos. Cada uma modelou figuras que fazem parte do seu cotidiano e da sua imaginação. As figuras que saíram foram: cachorro, dragão, microfones, sorvete, caracol, panquecas, bolinhas, bonecos, princesas. Isso nos deixa claro que “Os diversos aspectos sobre criança que aparecem nas diferentes produções artísticas mostram que a imaginação é um lugar de memória. É um lugar de ação.” (HONORATO. p. 01).



Figura 4: Modelando com massinha.
Fonte: Acervo da Autora.

³ Nome da criança fictício.

E sendo assim é da responsabilidade do profissional enriquecer na imaginação da criança aspectos que tenham significado para a ela, com isso tornando a vivência proposta mais prazerosa. “O imaginário infantil é um elemento nuclear das culturas da infância. As crianças desenvolvem a imaginação através das suas experiências de vida e as situações que imaginam dão-lhes o poder de compreender o mundo que habitam”, (MARIA, p, 02).

É importante o desenvolvimento da imaginação na Educação Infantil, pois, a criança brinca e constrói o imaginário a partir do seu contexto de vida. Cabe aos profissionais criar espaços para que as crianças possam realizar o mesmo.

Nos Anos Iniciais tivemos o cuidado e a intenção de que a nossa docência nessa experiência nova promovesse as crianças uma aprendizagem significativa sobre as regiões, englobando assim a maioria das suas características. Nossa proposta era que essa ampliação do conhecimento se desse por meio da ludicidade e da exploração de materiais para a aprendizagem.

Elaboramos o planejamento com o objetivo de ensinar às crianças a importância da diversidade histórico-social-cultural através da sua imaginação para que possam levar esse conhecimento ao longo da vida e de seus familiares. É através da imaginação que a criança também aprende com mais facilidade ligando a realidade ao lúdico e vice-versa.

A proposta era fazer com que as crianças aprendessem o que tínhamos de conhecimento a passar para elas. Como trabalharíamos as regiões nas disciplinas de história, geografia e português de forma interdisciplinar, pensamos em trabalhar de uma forma lúdica e de uma forma em que as crianças tivessem voz ativa, pois, nas observações realizadas no período do estágio percebemos que isso quase não acontecia.

Propusemos um cantinho da leitura feito para que as crianças que terminassem as atividades tivessem outra atividade para ser realizada, de uma forma mais lúdica e descontraída.



Figura 5: Cantinho da Leitura.

Fonte: Acervo da Autora.

Nas observações percebemos como as crianças não tinham voz em sala, portanto, nas atividades propostas deixávamos eles à vontade para falar, questionar e colocarem seus pontos de vistas. Esse foi um exemplo, onde as crianças foram separados em 5 grupos cada grupo com uma região, foi feito uma pesquisa e depois feito uma apresentação para todos da sala.

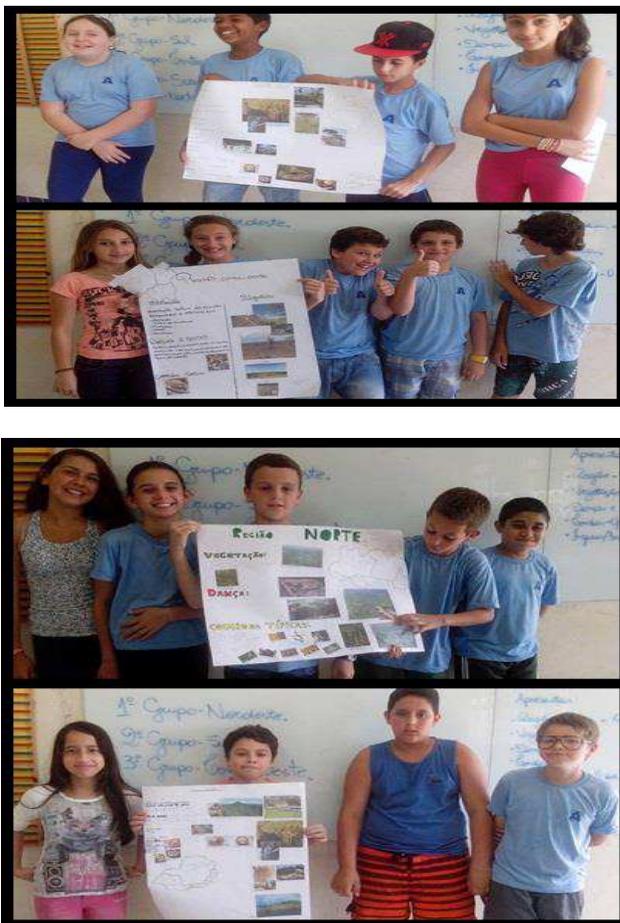


Figura 6: Apresentações das Pesquisas.

Fonte: Acervo da Autora.

Na proposta Jogo da Memória, foi uma forma de envolver brincadeira e aprendizagem. Foi usado para que as crianças obtivessem conhecimento sobre os Estados/Siglas e suas respectivas capitais do Brasil. Para que a partir desse jogo aprendessem sobre os Estados e Capitais no seu país.



Figura 7: Jogo da Memória

Fonte: Acervo da Autora.

Utilizamos como fonte de novas aprendizagens a sala informatizada, onde as crianças pesquisaram sobre o tema proposto, ou seja, as características de cada região do Brasil. E assim explorando outros espaços da instituição, pois, o espaço é um terceiro educador.



Figura 8: Pesquisas na sala informatizada.

Fonte: Acervo da Autora.

Na disciplina de Matemática trabalhamos ampliação e redução. Portanto, fizemos a redução da sala de aula em forma de Maquetes. Foi um pedido da professora regente da turma, por esse motivo nessa disciplina não foi trabalhado as regiões do Brasil.



Figura 9: Construção de Maquetes.

Fonte: Acervo da Autora

Portanto, ser profissional da educação é estar o tempo todo pensando, observando cada gesto, olhar que cada criança lhe demonstrar a fim de elaborar estratégias metodológicas para conseguir transmitir esse conhecimento historicamente acumulado, para que a sala de aula seja um espaço de troca de aprendizagem em que professor aprende com a criança/aluno e alunos aprende com professor.

Essa experiência ajudou a compreender o que indica Charlot (2000):

[...] Aprender para viver com outros homens com quem o mundo é partilhado. Aprender para apropriar-se do mundo, de uma parte desse mundo, e para participar da construção de um mundo pré-existente. Aprender em uma história que é, ao mesmo tempo, profundamente minha, no que tem de única, mas que me escapa por toda a parte. Nascer, aprender, é entrar em conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentido, onde se diz quem eu sou, quem é o mundo, quem são os outros. Esse sistema se

elabora no próprio movimento através do qual eu me construo e sou construído pelo outros, esse movimento longo, complexo, nunca completamente acabado, que é chamado educação. (p.53)

Ficou claro que garantir a formação desses sujeitos ativos tanto na escola quanto na sociedade é um super desafio, tanto para nós enquanto profissionais da educação, quanto para essas crianças que estão a descobrir esse imenso mundo de possibilidades, mas que muitas vezes se deparam com a palavra NÃO todos os dias e que nós profissionais os mostrando que são capazes, que podem fazer a diferença.

Nós profissionais da educação somos e seremos o espelho para as crianças, somos nós que iremos cativar dentro de cada uma a motivação para estudar, aprender... E ao mesmo tempo estaremos aprendendo com as crianças o exercício de ensinar. Estaremos trocando conhecimento e aprendizagens.

4.1 - O AMBIENTE DA DOCÊNCIA COMO LUGAR FAVORÁVEL PARA APRENDIZAGEM

A preocupação com o ambiente é o primeiro passo, a limpeza do espaço, organização e o planejamento são muito importantes nesse momento. Conforme Nörnberg (2013), pensar o ambiente educacional como morada e lugar de contato das crianças, como espaço de participação na vida pública.

O espaço constitui-se como um terceiro educador, e isso efetivamente se confirmam na organização do espaço feita pelos profissionais da educação para as vivências que serão realizadas. Portanto,

O espaço nessa perspectiva representa um terceiro educador, junto com os demais profissionais da sala. Contudo não é um educador, formado por si mesmo ou pelo acaso, mas sim pela ação humana, primeiramente pela ação dos adultos que, de forma consciente ou não, vão circunscrevendo nele suas concepções a respeito das crianças, de seu papel e das relações a serem ali vivenciadas. Ele se transforma num lugar pelas marcas sociais e pessoais que os sujeitos vão lhe conferindo em suas relações, (SCHMITT, 2011, p. 25).

A maneira como o professor exerce seu papel, como organiza o ambiente com as crianças, os tempos e a oferta de materiais e atividades variadas, imprimem marcas profundas nas interações estabelecidas e no clima emocional. Deve-se tratar cada indivíduo como ele precisa, oferecendo suporte, acolhimento adequado e criar condições para o aprendizado. Importante ressaltar que,

Pensar o espaço da creche, a forma como ele se torna lugar socialmente construído pelas crianças e adultos que o habitam, exige que incluamos as crianças, que consideremos suas manifestações e expressões e seus pontos de vista, concebendo-as

como seres sociais plenos, com especificidades próprias desta etapa da vida. (AGOSTINHO, 2003, p. 05).

É fundamental que ao planejar alguma vivência que envolva brincadeira, imaginação, o espaço deve estar propício, deve ter uma intencionalidade e organizado para a ação ser realizada, ou seja, deve estar direcionado para se alcançar o resultado desejado.

Um espaço rico em suas possibilidades de promover o encontro entre o grupo, buscando a interação e a autonomia dos mesmos, deixando assim, fluir novos prazeres e novas experiências. E nós profissionais, precisamos estender essas experiências às crianças, mas para isso, precisamos nos envolver completamente, observarmos o grupo, a fim de perceber, através das conversas, das perguntas, das brincadeiras, no horário do lanche, da higiene, o que elas têm sede de explorar, apenas assim, faremos a diferença e conseguiremos contribuir para suas experiências e aprendizagens.

Assim, Moreno (2007) ressalta,

[...] entendemos que o professor/educador, além da sensibilidade, deve ser possuidor de conhecimentos que o coloquem em condições de discernir, no coletivo da sala de aula, as necessidades básicas de cada criança: as necessidades orgânicas, também denominadas biológicas e as necessidades sociais determinadas pelo meio e que a criança está inserida. Neste contexto, a prática pedagógica deve se constituir em um processo de ensino-aprendizagem das diferentes linguagens e pela criação de um ambiente em que a criança se sinta segura, satisfeita em suas necessidades, acolhida em sua maneira de ser, onde ela possa trabalhar, de forma adequada, suas emoções e lidar com seus medos, sua raiva, seus ciúmes, sua apatia, e possa

construir hipóteses sobre o mundo, elaborando sua própria identidade (p. 58).

Nas Instituições Coletivas de Ensino, os espaços devem ser utilizados para que as crianças possam obter novas experiências e conhecimentos.

É preciso que a criança explore outros espaços além da sala de aula, principalmente nos Anos Iniciais, onde o principal espaço ocupado pelas crianças é a sala de aula onde ficam sentadas por quatro horas todos os dias durante a semana. O espaço deve ser preparado de modo a estimular o interesse e participação da criança.

É necessário que o profissional da educação tenha um planejamento que contemple todos – ou a maioria - dos espaços da instituição e que cada espaço possibilite interações entre as crianças-crianças, criança-adulto, adulto-adulto, além de interações com outros grupos e faixas etárias diferentes.

Segundo o Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil (1998):

O estabelecimento de um clima de segurança, confiança, afetividade, incentivo, elogios e limites colocados de forma sincera, clara e afetiva dão o tom de qualidade da interação entre adultos e crianças. O professor, consciente de que o vínculo é, para a criança, fonte contínua de significações, reconhece e valoriza a relação interpessoal.(p.49)

Pois, é nas interações sociais que ocorrem as trocas de conhecimentos.

5- REFLEXÃO SOBRE A DIMENSÃO DA BRINCADEIRA NO AMBIENTE ESCOLAR.

Os eixos Educação e Infância nos acompanharam durante todo o curso, e nessa experiência vivenciada os conceitos que mais tiveram ênfase foi o de criança e infância. A criança é um sujeito de direitos que produz cultura e deve ter seu direito garantido à infância e à instituição de Educação. Segundo Rocha e Ostetto, “sujeito social de direitos, um ser completo em si mesmo, que pensa, se expressa por meio de múltiplas linguagens, que produz cultura e é produzido numa cultura” (2008, p. 104).

Reconhecemos o que é específico da infância: seu poder de imaginação, a fantasia, a criação, a brincadeira entendida como experiência de cultura. Crianças são cidadãs, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e são nela produzidas. Esse modo de ver as crianças favorece entendê-las e também ver o mundo a partir do seu ponto de vista. A infância, mais que um estágio, é categoria da história: existe uma história humana porque o homem tem infância. (KRAMER, 2007, p. 03).

Entendi que o estágio, é o exercício da docência, em que no encontro com a realidade educativa fazemos o cruzamento de olhares, ao pensar os projetos educativos dos diferentes grupos e o Projeto Político e Pedagógico da Unidade.

[...] o estágio pressupõe o cruzamento de diversos olhares e saberes, advindos de lugares igualmente diferenciados: das crianças, das alunas estagiárias, dos professores e demais profissionais de educação infantil e dos professores orientadores de estágio. (ROCHA & OSTETTO, 2008, 107).

Na prática, o estágio é o momento de apreender a realidade, adentrar na instituição de educação infantil, lugar este até então desconhecido por alguns de nós discentes; propor e vivenciar ações que

contribuirão efetivamente para nossa formação e concomitantemente para a formação das crianças.

Deste modo, “é necessário cultivar a sensibilidade do olhar”, como afirmam Rocha e Ostetto (2008) em uma postura de observar a criança em um todo, ou seja, o olhar do professor por meio da sensibilidade, a fim de perceber as manifestações tão sutis, que nos permitirá conhecer melhor os modos de ser e fazer das crianças.

Da experiência realizada nos estágios e no trabalho docente aprendi que cada criança apreende e significa suas experiências de modo diferente, e que não há uma homogeneidade nesse processo de exploração e reconhecimento do mundo ao seu redor, pois cada criança estabelece diferentes relações com os objetos e com o outro, seja criança ou adulto. Aprende-se, também, que nós profissionais da educação precisamos nos atentar a cada movimento e significação que cada criança nos mostra em seus momentos de experiências e de exploração. Assim, lembro Madalena Freire: “a ação, a interação e a troca, movem o processo de aprendizagem. A função do educador é interagir com seus educandos para coordenar a troca na busca de conhecimento” (WELFORT, 1996, p.7).

Aprende-se que a imaginação é um elemento fundamental na Educação, que ela deve ser sempre enriquecida e estimulada na criança através da ludicidade, das brincadeiras, etc. Instrumentos esses que devem ser utilizados para proporcionar às crianças momentos prazerosos, de trocas e de aprendizado e é principalmente na infância que desenvolvemos nossa imaginação.

Mais que um jeito de aprender, brincar é o jeito de as crianças serem. Não é uma coisa que possa ser substituída, reembolsada amanhã, ou uma preparação para o futuro. As crianças precisam brincar hoje e todos os dias de sua infância. Todas as crianças, no mundo inteiro, têm o direito de aprender essas coisas e de ser plenamente assim. Se não brincarem - muito - quando crianças não

conseguirão aprender (nem ser) direito depois. E todos os adultos do mundo precisam aprender melhor o que as crianças, mesmo sem perceber, têm pra nos ensinar. (GIRARDELLO,2006, p.65)

Portanto, de acordo com as observações, as percepções e os registros em relação às crianças, buscou-se objetivos que proporcionassem através dos planejamentos, espaços e proposição de brincadeiras que pudessem favorecer a interação e o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

O jogo como promotor da aprendizagem e do desenvolvimento passa a ser considerado nas práticas escolares como importante aliado para o ensino, já que coloca o aluno diante de situações lúdicas como jogo pode ser uma boa estratégia para aproximá-lo dos conteúdos culturais a serem vinculados na escola (KISHIMOTO, 2002, p.13)

Optamos pelo lúdico por ser uma forma de aprendizagem prazerosa. Ao trabalhar com o lúdico cria-se um ambiente favorável de desenvolvimento e aprendizagem. Ao longo da observação e docência, percebeu-se como as crianças desenvolvem sua imaginação através da brincadeira, da sua imaginação, criando e revivendo momentos do seu cotidiano e imitando as atividades realizadas pelos adultos no seu convívio.

As crianças desenvolvem a sua imaginação sistematicamente a partir do que observam, experimentam, ouvem e interpretam da sua experiência vital, ao mesmo tempo que as situações que imaginam lhes permite compreender o que observam, interpretando novas situações e experiências de modo fantasista, até incorporarem como experiência vivida e interpretada. (SARMENTO, 2002, p.14).

Percebe – se, por fim, que todas as crianças são diferentes e cada uma tem seu tempo de aprendizagem e de realizar suas experiências e as

atividades. E cabe a nós, profissionais, colaborar e não forçar as crianças em suas vivências. Criança também precisa de respeito, atenção, carinho e amor. E o importante é respeitar as diferenças.

E como trabalhar o lúdico e a imaginação no ambiente escolar que tem uma rotina pronta para que os profissionais transmitam seus conhecimentos às crianças?

É nesse momento que o profissional ao fazer seu planejamento deve pensar a rotina e dividir entre o tempo do brincar e o tempo de aprender, pois, não podemos esquecer que mesmo estando nos Anos Iniciais estamos realizando um trabalho com crianças e que elas precisam de um tempo para brincar com uma intencionalidade pedagógica. Para que assim, as crianças não sentissem tanto o “corte” – que não precisava haver – na transição da Educação Infantil para os anos Iniciais. É necessário ter um momento lúdico nas Instituições Coletivas de Educação, pois, estamos lidando com crianças e não podemos nos esquecer da importância de fazer uma docência acolhedora e de trabalhos conjuntos.

Então é como um ciclo no qual vamos planejando e replanejando as propostas pedagógicas com intencionalidade, pensando na organização do espaço, dos tempos e dos materiais que serão utilizados nas respectivas propostas.

Um aspecto que foi fundamental para execução dos planejamentos nos estágios, é o fato de acreditar que o tempo da criança é diferente do tempo do adulto, no que se refere às produções, a realização das vivências, a plenitude com que as crianças se entregam literalmente da cabeça aos pés, sem pensar no depois, sem preocupações com horas nem minutos, eles simplesmente vivem aquele momento com intensidade. Por isso, é importante respeitar o tempo das crianças ao realizarmos nossos planejamentos, mesmo estando cientes de que existe uma rotina da própria instituição, isso não impede os profissionais de planejar momentos flexíveis, não sendo estáticos e nem rígidos. Pois a rigidez da rotina não pode se tornar uma barreira, ela é limitadora e tem

que ser respeitada em muitos aspectos, mas isso não impede de pensarmos em possibilidades de driblar essa rotina. Trago como base Tristão (2006) “[...] é bastante tênue a fronteira entre os reais impedimentos estruturais e a acomodação ou o temor de fazer diferente, ou ainda, o deixar que a rotina atropela oportunidades de novas experiências.” (p.42), que vai ao encontro do que penso referente a não deixar que a rotina impeça a realização de novas experiências, ou seja, nós profissionais não podemos deixar que a rotina se torne rotineira.

Portanto, trago como referencia Ostteto, ao esclarecer que um planejamento bem feito traz em si, a entrega do professor ao se permitir mergulhar juntamente com as crianças no mundo da descoberta, do desconhecido, ao construir junto com seus educandos, a identidade do grupo e de cada criança e complementa sua fala ao citar Machado (1996, p. 8) que diz “o pedagógico não é a atividade em si que ensina, mas que a possibilidade de interagir, de trocar experiências e partilhar significados é que possibilita às crianças o acesso a novos conhecimentos”.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito geral desse trabalho de conclusão de curso era analisar a dimensão da brincadeira e da imaginação no desenvolvimento da criança na Educação Infantil e nos Anos Iniciais, partindo dos estudos realizados no curso de Pedagogia nas disciplinas de Educação e Infância e da experiência dos estágios.

Portanto, desde o momento que estive lá nas Instituições Coletivas de Educação, me vi e me construí como pesquisadora a partir e com este lugar. Fui e sou uma professora pesquisadora em formação, uma pesquisadora professora que estava lá aprendendo com aquele meio e com aquelas crianças. Buscando e vivendo situações no campo para poder, hoje, ampliar as possibilidades reflexivas sobre o vivido. Ressalto a importância da documentação e dos registros feitos na época de estágio para conseguir refletir alguns momentos que vivenciei por lá.

As situações que presenciei e as pessoas que me receberam me permitiram ter um olhar mais sensível, pois não podemos esquecer que estamos lidando com seres humanos, mesmo que tenham outros modos e jeitos de agir que não vemos como correto. Consigo agora entender e defender como é importante um acolhimento diferenciado, um olhar mais sensível, uma escuta mais aguçada, um afeto, e principalmente, um espaço apropriado para realizar as atividades propostas.

Tanto na Educação Infantil como nos Anos iniciais, busquei nos estágios realizar propostas que envolvesse o lúdico, para que as crianças não sentissem o ‘corte’ - que ressalto que não precisa haver - entre a fase

de transição de Educação Infantil para os Anos Iniciais, mas não esquecendo da importância de fazer essa docência da acolhida, dos trabalhos conjuntos, da parceria com e para o outro.

Experienciar o exercício de docente nas turmas de Educação Infantil e no 5º ano dos Anos Iniciais foi um desafio e tanto! Desde o primeiro contato com as instituições (Z11 e Anísio Teixeira) percebi que tinha que colocar em prática tudo o que havia aprendido ao longo desses quatro anos e meio de estudo sobre educação e infância e outras metodologias. Posso não ter contemplado tudo o que aprendi com as palavras escritas aqui neste documento, mas procurei narrar e refletir sobre tudo o que considere importante para ser professora na Educação Infantil e nos Anos Iniciais.

Da minha experiência, realizada na Educação Infantil e nos Anos Iniciais, retirei de aprendizado que não há uma homogeneidade no processo de desenvolvimento das crianças, pois cada criança estabelece relações diferentes com os objetos e com o outro, seja criança ou adulto.

No estágio e também nas reflexões que busquei construir neste trabalho pude melhor compreender o que indica Charlot (2000):

Por isso mesmo, nascer significa ver-se submetido à obrigação de aprender. Aprender para construir-se em um triplo processo de “hominização” (tornar-se homem), de singularização (tornar-se um exemplar único de homem), de socialização (tornar-se membro de uma comunidade, partilhando seus valores e ocupando lugar nela). Aprender para viver com outros homens com quem o mundo é partilhado. Aprender para apropriar-se do mundo, de uma parte desse mundo, e para participar da construção

de um mundo pré-existente. Aprender em uma história que é, ao mesmo tempo, profundamente minha, no que tem de única, mas que me escapa por toda a parte. Nascer, aprender, é entrar em conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentido, onde se diz quem eu sou, quem é o mundo, quem são os outros. Esse sistema se elabora no próprio movimento através do qual eu me construo e sou construído pelo outros, esse movimento longo, complexo, nunca completamente acabado, que é chamado educação (p.53).

Refleti neste trabalho sobre a dimensão da brincadeira e da imaginação no desenvolvimento da criança em sala de aula. Todo esse processo reflexivo me proporcionou grande aprendizado, levando-nos a compreender como funciona a organização e estrutura das Instituições Coletivas de Educação e como há estabelecimento de relações desses sujeitos que transformam estes espaços a todo o momento e que esse movimento é muito importante para o desenvolvimento das dimensões que constituem esses sujeitos de pouca idade.

Finalizo esse trabalho com muita alegria e novos aprendizados, mas claro que não deixo de pensar e esgotar essa reflexão.... Esse foi só o começo, o começo de um novo ciclo, uma nova pesquisadora, um começo de uma carreira como pedagoga e um avanço de uma pessoa mais humanista.

7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

AGOSTINHO, Kátia A. **O Espaço da Creche: que lugar é este?** Florianópolis, SC. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

Brinquedos, brincadeiras e materiais para crianças pequenas: **manual de orientação pedagógica**: módulo 3/Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. – Brasília: MEC/SEB, 2012.

CHARLOT, Bernard. **O “filho do homem”:** obrigado a aprender para ser (uma perspectiva antropológica). In: CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

Congresso Nacional. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Brasília – DF, 1990

ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL PROFESSOR ANÍSIO TEIXEIRA. **Projeto Político Pedagógico.** Florianópolis. 2014

FRANCISCO, Zenilda Ferreira. **Zé, tá pertinho de ir pro parque? O tempo e o espaço do parque em uma instituição de educação infantil.** Dissertação (Mestrado em Educação). UFSC, 2005.

FREIRE, Madalena. **Observação, Registro e Reflexão: instrumento metodológico I.** 2 ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

GIRARDELLO, Gilka. **O florescimento da imaginação: crianças, histórias e TV.** 2005, p. 01 – 10.

GIRARDELLO, Gilka. **Porque toda criança precisa brincar?** 2006, p.64-65 Disponível em: <http://www.casacurumim.com.br/por-que-toda-crianca-precisa-brincar/>

HONORATO, Aurélia Regina de Souza . **A Imaginação e a Infância.** In: III Seminário Educação, Imaginação e as Linguagens Artístico Culturais, 2007, Criciúma. III Seminário Educação, Imaginação e as Linguagens Artístico Culturais, 2007. v. 3.

KRAMER, Sonia. A infância e sua singularidade. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia R. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica, 2007

KISHIMOTO, Tizuko M. **Jogo e a Educação Infantil**. SP: Pioneira, 2002.

MARIA, Rosa. **Culturas da Infância**. 2009, p. 01 – 02

MORENO, Gilmar Lupion. Organização do trabalho pedagógico na instituição de Educação Infantil. In: PASCHOAL, Jaqueline Delgado (org.). **Trabalho pedagógico na Educação Infantil**. Londrina-Pr: Humanidades, 2007. p. 58.

NÖRNBERG, Marta. **Do berço ao berçário: a instituição como morada e lugar de contato**. 2013, p. 99-113. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v24n3/07.pdf>

OSTETTO, Luciana E. (Org.). **Encontros e Encantamentos na Educação Infantil: Partilhando Experiências e Estágios**. Campinas, SP: Papyrus, 2000

OSTETTO, Luciana Esmeralda (Org.). **Educação Infantil: Saberes e fazeres da formação de professores**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

Projeto Político Pedagógico. **NEI Colônia Z11**. Florianópolis, 2014

BRASIL, MEC/SEF. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**, v.1, Brasília, 1998.

BRASIL, MEC/SEF. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**, v.2, Brasília, 1998..

BRASIL, MEC/SEF. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**, v.3, Brasília, 1998..

SANNY S. **Brincar, Conhecer, Ensinar**. 5ª Edição. 2010 p.01-128

SARMENTO, Jacinto M. **Imaginário e Cultura da Infância**. 2002. p.01-18.

SCHMITT, Rosinete V. O encontro com bebês e entre bebês: uma análise do entrelaçamento das relações. In: ROCHA, Eloisa A.C.; KRAMER, Sônia. **Educação Infantil: enfoques em diálogo**. Campinas: Papirus, 2011, p.17-35.

TRISTÃO, Fernanda C.D. A sutil complexidade das práticas pedagógicas com bebês. In: MARTINS, Altino José. **Infância Plural: crianças do nosso tempo**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2006.

TRIVIÑOS, A. N. S **Introdução a pesquisa em ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELLOS, Tânia. **Jogos e Brincadeiras no contexto escolar**. In: Jogos e Brincadeiras: desafios e descobertas. (2ª Edição) – Salto para o futuro. 2008. p.48 -56

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

OSTETTO, Luciana E. (Org.). **Encontros e Encantamentos na Educação Infantil: Partilhando Experiências e Estágios**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

WIGGERS, Verena. **Jogos, Brinquedos e Brincadeiras**. In: Caderno de Formação/Divisão de Educação Infantil. Florianópolis: PRELO, 2004